

Uma cena de
**Em Memória a Dona
Maria I,
de Pedro Jorge
de Castro,**
um filme irreverente
sobre a
irreverência de
D. Maria, a Louca,
personagem que,
segundo o cineasta,
continua
viva na vida
brasileira



Documentário brasileiro será exibido na Europa

Vários documentários brasileiros serão exibidos na França, em Roma, Paris, Lisboa e, possivelmente, em Bonn, Nova Iorque, Washington e na Universidade Central da Venezuela. Os documentários serão levados pelo professor e cineasta Pedro Jorge de Castro que, aproveitando um convite da Universidade de Bordeaux para falar sobre a televisão brasileira, apresentará a mostra de filmes e debaterá com os estrangeiros os temas, a abordagem e o significado dos documentários para a realidade brasileira.

OS FILMES

Na mostra, estão incluídos os documentários de Geraldo Sarno, «o maior documentarista brasileiro», segundo Pedro Jorge, intitulado *Segunda-Feira; Rendeiras do Nordeste*, de Ipojuca Pontes; *Os libertários*, de Lauro Escorel; *Pancararu*, de Wladimir Carvalho; *Brinquedo Popular do Nordeste e Chico da Silva*, ambos de Pedro Jorge. Além desses filmes, o professor da UnB levará *Em Memória de Dona Maria I*, de sua autoria e inédito no Brasil.

— Espero que durante os debates sobre esses filmes — diz Pedro Jorge —, possamos discutir não somente em torno dos resultados e finalidades dos documentários, mas, principalmente, sobre seu significado, a importância dos temas tratados para a cultura e a realidade brasileira».

Os filmes de Geraldo Sarno e Ipojuca Pontes são do Departamento do Filme Cultural (Embrafilme); o de Lauro Escorel é em co-produção com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. *Brinquedo Popular do Nordeste*, de Pedro Jorge, pertence ao Centro Nacional de Referência Cultural e *Chico da Silva e Em Memória de Dona Maria I*, são produções domésticas com produtores associados.

A LOUCA

Em Memória a Dona Maria I, é, segundo o cineasta, «uma irreverência a consciência política de D. Maria, como figura repressiva que foi aos ideais políticos e econômicos do Brasil. O trabalho é também resultado

de todos os maus governos que passaram pelo Brasil».

Na pesquisa que realizou para fazer o filme, Pedro Jorge encontrou a música *Missas de Réquiem* (1816), — composta para os funerais de D. Maria e *Música de Mau Governo*, originária da Península Ibérica, de autor desconhecido.

As filmagens foram iniciadas em 1976 e terminadas neste semestre. Pedro Jorge especifica mais sobre seu tema: «Não é um filme sobre a pessoa de D. Maria, mas sobre a irreverência. Quero também fazer a minha irreverência à D. Maria, dizendo à memória brasileira que a sua figura política não termina com sua morte, mas ela talvez tenha sido fruto de uma consciência política que não se interrompeu antes da personagem, continuou através dela e, até nossos dias, existe um imenso legado».

— As pessoas, o modo de vida constatado no filme — afirma o cineasta — provam que esse perverso talvez ainda seja longo: os males que aqui aparecem como sendo feitos por figuras tipo D. Maria, ainda têm fôlego capaz de perpetuar a vida de desproteção, sacrifício, subnutrição e marginalização que vive o homem rural brasileiro».

A linguagem é muito doce, segundo ele, chegando muitas vezes ao lirismo, o que deixa o espectador um tanto angustiado pelo conflito dessa linguagem com o tema tratado.

Pedro Jorge estudou na Universidade de Roma, concluindo ali seu primeiro filme, *Estudante no Trabalho*, que registra o início do movimento estudantil na Europa, em fevereiro de 1968: «aquela época, a banca examinadora composta por 11 professores da universidade se dividiu quanto a posição do filme. Alguns desses professores achavam que a postura de crítica do filme sobre a Universidade de Roma, que financiou o trabalho, era errada. Mas o filme não podia ter sido de outro jeito, pois eu estava engajado no movimento de 1968, e, como um trabalho final do curso, eu esperava que o filme servisse para a reflexão dos professores sobre a universidade».